AUTORES:

Igor Chagas Monteiro ¹
 Willen Aragão Silva ¹
 João Paulo F. Soares ¹

¹ Faculdade de Educação Física
 e Desportos, Universidade Federal de
 Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

Violência contra a arbitragem:

Um olhar sobre o futebol
 amador juizforano

PALAVRAS CHAVE:

Futebol. Violência. Arbitragem.

RESUMO

O futebol apresenta-se como um fenômeno social capaz de mobilizar os sujeitos para sua prática ou contemplação. A violência, como processo construído historicamente nas sociedades tem nos esportes de confronto, neste caso o futebol, locus privilegiado para sua ocorrência, que seria neste contexto, controlada pelas regras geridas pelos árbitros. Desta forma, este estudo procura identificar e analisar as formas de violência sofridas por um grupo de 12 árbitros amadores do sexo masculino de Juiz de Fora, suas percepções subjetivas sobre estes processos, bem como a influência no desempenho e sua prática profissional. Nesta pesquisa qualitativa foi utilizado o método de estudo de caso, que teve como foco o futebol amador juizforano. A técnica de pesquisa foi a entrevista em profundidade. O tratamento dos dados seguiu a técnica da análise do discurso. Conclui-se que a maioria dos árbitros começa a carreira pelo curso de Educação Física e pela arbitragem no futsal. As principais violências sofridas são realizadas por atletas, torcedores e dirigentes dos clubes amadores e que este processo faz com que tais árbitros evitem polêmicas ao aplicarem a regra do futebol, utilizando-se do "bom senso" para evitar conflitos. As possibilidades de mudanças das práticas violentas passam pela educação nas escolas e nas categorias de base, onde caberia aos docentes suscitar o debater para a formação de uma geração de espectadores que evitem a prática da violência.

Violence against refereeing:

A look at the amateur football
 in Juiz de Fora

ABSTRACT

Football is considered a social phenomenon which is able to mobilize the individual for its practice or contemplation. Violence, as a historically process built in our society, specifically in sports clash like football, has privileged locus for its happening, which would be controlled by the referee rules in this context. Therefore, this work aims to identify and analyse different kinds of violence suffered by a group of 12 male amateur referees in Juiz de Fora, their subjective perceptiveness on these processes, as well as the influence in their performance and professional practice. In this qualitative research, the study case method was used, with its focus on the amateur football in Juiz de Fora. The technical research used was the in-depth interview and the data followed the analysis of discourse technique. It can be concluded that most referees start their careers because of the physical education degree and working as referees in futsal matches. The main kinds of acts of violence are committed by athletes, team supporters and directors of amateur teams and such process makes the referees avoid all the controversies in applying the football rules, using their sensibility to avoid conflicts. The possibilities to change these violent practices go through school education and the youth level, where the teachers would be in charge of discussing the topic and train a generation of spectators with the ability to avoid the practice of violence.

KEY WORDS:

Football. Violence. Refereeing.

INTRODUÇÃO

O futebol é um fenômeno social capaz de gerar envolvimento de sujeitos e grupos sociais, movidos por sentimentos identitários, políticos, entre outros, com as emoções proporcionadas pelo espetáculo como pano de fundo ⁽²⁾. O envolvimento dos grupos sociais no futebol fica mais evidente no Brasil quando o esporte é massificado, abrindo a possibilidade de inserção da população mestiça e negra, sobretudo entre as décadas de 30 e 40, em que, até então, tal modalidade era praticada predominantemente pela elite ^(apud 10). Neste sentido, de acordo com Elias ^(apud 7), o futebol é um esporte coletivo massificado na atualidade e em si não é violento, apresentando-se como um ritual de violência simbólica, ou seja, uma guerra simbólica que esvazia a violência material. Desta forma, o futebol começa a ser entendido como espetáculo a partir do final do século XIX na Inglaterra ⁽²⁾.

Em 1863 surgem as primeiras regras do esporte. Inicialmente, estas eram codificadas e os jogos controlados pelos professores das escolas ⁽⁵⁾. As diferenças entre as regras de Universidades inglesas rivais gerou a necessidade de criação da Associação de Futebol (FA). Desta forma, a figura do árbitro aparece pela primeira vez em 1868, ainda sem grandes poderes de decisão, intervindo apenas quando solicitado pelos capitães das equipes. Já no ano de 1886 o árbitro atua dentro do campo de jogo e tem maior poder de decisão ^(apud 2). Neste contexto, os árbitros tinham sua figura equiparada a dos policiais e dos juízes, em que o futebol aparecia como uma forma não violenta e não militar de competição entre os estados ^(apud 2).

Sobre a profissionalização da arbitragem, esta não acompanhou a do futebol. Os árbitros seguem no Brasil sem uma regulamentação profissional, em que os mesmos atuam como prestadores de serviços a clubes e federações. Esta pode ser entendida como uma das hipóteses para as pressões internas e externas a sua atuação, ambas com grande potencial para gerar violência ⁽²⁾.

Outro ponto de interferências no trabalho dos árbitros é a influências dos meios de comunicação através de suas mídias, que valem-se dos recursos tecnológicos na análise dos lances dos jogos, gerando em alguns casos diversas polêmicas que colocam em risco as decisões tomadas pelos árbitros, gerando sentimentos de indignação de clubes e torcedores que colocam em dúvida a idoneidade e competência dos árbitros ^(apud 4).

A partir do panorama exposto, nota-se lacunas na produção científica no que se refere a investigações que analisem as formas de violência sofridas pelos árbitros de futebol, bem como os impactos destes processos em sua atuação profissional.

Dessa forma, o objetivo deste estudo é descrever a percepção subjetiva de árbitros de futebol amador da cidade de Juiz de Fora sobre os processos de violência sofridos na sua atuação profissional no esporte.

MÉTODO

Este estudo segue a abordagem qualitativa ⁽¹⁾ e configura-se em um estudo de caso, que tem o universo do futebol amador juizforano como foco da análise. Participaram 12 árbitros da Zona da Mata mineira que atuam ou atuaram no futebol amador juizforano em diferentes ligas e campeonatos, há mais de 2 anos.

O instrumento de coleta de dados constituiu-se na aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturado. Tal roteiro foi dividido em três blocos temáticos de questões; o primeiro bloco tratou da motivação para atuar, o tempo de experiência na arbitragem e locais em que tais sujeitos atuam. O segundo aborda a percepção subjetiva do árbitro sobre a violência no campo e finalmente, o terceiro bloco tratou do comportamento e carreira dos árbitros.

Todos os entrevistados tomaram conhecimento dos objetivos da pesquisa e das condições de participação e, em seguida assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas em uma sala da Faculdade de Educação Física e Desportos (FAE-FID) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sendo utilizado um gravador de voz, do aparelho Nokia C5, tendo os árbitros sido previamente informados da gravação da mesma. Durante a entrevista, se encontravam na sala somente os pesquisadores e o entrevistado. As entrevistas foram transcritas na íntegra, respeitando todos critérios apresentados por nossos participantes.

O Tratamento dos dados seguiu a linha da Análise do Discurso ⁽⁸⁾, que tem como objetivo, investigar os sentidos e significados produzidos nos discursos dos sujeitos, afim de buscar compreender os processos e problemas sociais em que os mesmos estejam vivenciando.

Cabe ressaltar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora sobre o número de protocolo: 17168113.6.0000.5147

ANÁLISE

E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados será apresentada seguindo a ordenação temática realizada nos roteiros de entrevistas e exporá as percepções subjetivas dos árbitros sobre a violência que sofreram em sua atuação como árbitro.

MOTIVAÇÃO, EXPERIÊNCIA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A arbitragem no Brasil necessita ampliar o processo de profissionalização, entretanto observa-se entre os participantes deste estudo alta escolaridade, em que o curso de Educação Física foi a escolha de todos os informantes. Assim, 58% dos participantes são graduados e entre estes, 28% são pós-graduados; 33% são graduandos e apenas 8,3%, ou seja, 1 participante não está inserido no ensino superior. Assim, tais árbitros afirmam ter iniciado sua carreira antes de suas entradas na universidade.

A respeito da motivação para arbitrar, 66% apontam a satisfação proporcionada pela arbitragem como fator preponderante para sua entrada nesta atuação.

"...É legal você estar naquele jogo tenso, todo mundo quase explodindo e você consegue contornar aquele jogo e trazer ele pro seu controle e termina ele bem, é um prazer muito grande, quando os dois times vêm e te cumprimentam pela arbitragem que foi feita, fato raro, mas que quando acontece é bem motivante". (Informante nº 5).

Neste sentido, o início da carreira dos árbitros juizforanos é pela LJFS (Liga Juizforana de Futsal), que oferece um curso de arbitragem da modalidade futsal amador. Entretanto, 92% do grupo entrevistado seguiram para o futebol amador sem formação na respectiva modalidade. Apenas um dos informantes iniciou na arbitragem fora da liga, em função de ser estrangeiro. Sua inserção na arbitragem se deu pelo futebol, na AFA¹ (Argentina). Percebe-se nos discursos dos árbitros, primeiramente, que eles se destacam na arbitragem do futsal e depois são convidados a arbitrar no futebol amador.

Os árbitros da pesquisa são todos do sexo masculino, sendo diferente do futebol profissional, onde percebe-se mulheres participando e atuando no corpo de árbitros.

O universo do futebol masculino é apresentado na realidade brasileira como um ambiente culturalmente masculino, gerando importantes divisões que delimitam a experiência das mulheres no futebol ⁽⁵⁾.

Sobre o início de suas experiências como árbitros, é comum o início de sua atuação na juventude, com intuito de seguir uma carreira.

Todos participaram de Campeonatos locais e regionais, com destaque para a Campeonatos patrocinados por empresas instaladas na cidade de Juiz de Fora e os jogos escolares de Minas Gerais (JEMG) em nível regional. Dos informantes, 75% participaram de campeonatos amadores em nível estadual. Segundo um dos informantes, a grande habilidade que o grupo demonstra, na arbitragem, foi a competência na condução do jogo e não no domínio da regra.

"É ... no futebol amador, na verdade, você tem que "esconder" o livro de regras, rasgar o livro de regras e apitar só com a regra 18 (que o pessoal fala que é o bom senso). A única regra que dá para levar no futebol amador é o bom senso." (Informante nº 7).

Entre os informantes, 60% realizaram o curso de formação no futebol. Destes, 42% se formaram na Federação Mineira de Futebol (FMF). Os demais informantes formaram-se na Fede-

ração de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FFERJ). Os informantes nº 1, 3, 5 e 6 possuem experiências em competições internacionais: Brazil Football Cup e 1^{os} Jogos Pan-americanos escolares, ambos realizados em Juiz de Fora. O informante nº 1 atuou ainda em competições internas da TetraBrazil ² por diversos estados dos Estados Unidos da América (EUA).

No quesito experiência com o futebol amador, 25% dos árbitros possui entre 2 e 5 anos de experiência, 41,6% entre 5 e 10 anos e 33,3% com mais de 10 anos de experiência, sendo que o informante nº 12 tem 42 anos de experiência. Nesse sentido, pode-se perceber que é um grupo que, apesar de possuir tempos variados de inserção na atuação de árbitro, apresentam boa experiência neste quesito.

PERCEPÇÃO SUBJETIVA DA VIOLÊNCIA EM CAMPO

A violência é historicamente construída e acompanha as relações humanas de longa data, como observa-se em estudos e conhecimentos acumulados. Ao contrário do que se pensava, o futebol em si não se apresenta como violento, sendo compreendido como um ritual de violência simbólica que esvazia a violência real e material (Elias, 1994, apud Murad, 2007). Dos informantes desta pesquisa, 66,6% cita já haver presenciado a violência física e a tentativa de agressão dos jogadores aos árbitros.

"Existe outro caso também em um campeonato local, onde eu também estava como árbitro assistente, até que aos 25 minutos de jogo do primeiro tempo, na final, o time visitante estava vencendo, até que um jogador do time local, que estava fora de si e já havia dado duas entradas duras antes disso e estava só com o cartão amarelo, deu mais uma, e foi punido com o cartão vermelho, o jogador veio para dentro do árbitro, falou, gesticulou e empurrou o árbitro, foi um empurra-empurra, corre-corre, quando estava acalmando novamente, surge um outro jogador e disfire um chute na altura média da coxa do árbitro, fui entrar pra separar tomei dois socos nas costas, mas consegui separar os jogadores do árbitro e depois chegou o pessoal da organização e acalmou a situação". (Informante nº 11).

Assim, 66,6% dos árbitros relataram violência, intimidação e ofensa verbal de jogadores, conforme relato de um dos informantes:

"Pega esse cartão e enfia no seu (...)! Vai tomar no (...)! E se você me der cartão vou te meter por-rada!". (Informante nº 2).

1 — AFA- Asociación del Fútbol Argentino

2 — TetraBrazil Soccer Academy é a empresa líder no setor de Treinamento de Futebol Brasileiro. Em 2009, a TetraBrazil tornou-se parte da Sports Management Group, empresa líder mundial em clínicas de Futebol

Metade dos informantes relatou já haver respondido algum tipo de violência e ou tentativa sofrida por parte de um jogador.

“Uma coisa que eu sempre deixo claro para todos que me contratam para arbitrar é que a minha integridade física vem em primeiro lugar, logo eu não vou arrumar confusão gratuita com nenhum jogador, pois estou convicto de todas as marcações que efetuo, agora se houver agressão eu vou revidar, nesse dia eu usei a bandeira, o jogador veio para me dar um soco, me acertou no pescoço e eu acertei uma bandeirada nele”. (Informante nº 1).

Foi exposto por 41,66% dos informantes ser a segurança insuficiente para exercerem suas funções de arbitragem.

“Os jogos eram disputados lá entre cidades que têm a rivalidade e ao mesmo tempo é um campo que não tem alambrado, que não tem nada. A torcida se quiser pegar a bola para bater um lateral, ela bate o lateral para você, entendeu?” (Informante nº 6).

A influência da violência verbal pela torcida gera, segundo os informantes, intimidação e aumento da ansiedade durante sua atuação profissional e é assinalada por 50% dos componentes do grupo.

“E o caso assim que me chamou atenção foi na final, onde eu estava também atuando né, como árbitro assistente e foi uma guerra. Torcida xingando todo mundo, tacando pedra dentro do campo. O policiamento a meu ver era reduzido, comparado ao número de pessoas que lá estavam e o jogo foi uma guerra. Qualquer coisa que você marcava, até quando marcava a favor nego te xingava, tanto pra um lado quanto pro outro”. (Informante nº 2).

Há manifestações de violência direta ou indireta, de caráter generalista, que ocorrem no futebol, mas não são exclusivas nem próprias do futebol. Tem origem em um sistema social maior, acontecendo também em outras instituições em maior ou menor grau ⁽⁷⁾. Várias são as causas dessa violência relatada pelos informantes, dentre elas, podemos destacar fatores culturais que banalizam em certa medida os atos de violência, que não ficam restritas e controladas por regras sociais. Tais processos culminam em uma cultura das violências difundida por diversas instituições e agentes sociais, dentre eles os esportes.

Neste segundo bloco de questões, 33,3% dos informantes afirmaram que são disseminadas imagens negativas dos árbitros que seriam os agentes propulsores da violência do futebol, como corrobora uma parte da literatura ⁽²⁾.

“Muito do que se discute, portanto, revolve em torno da aceitação das regras do jogo como normas universais e das consequências disso quando sua aplicação é realizada de modo automático pelo “juiz” da partida. Deste modo, a questão do “espírito esportivo” ou “espírito olímpico” é fundamental neste tipo de dramatização. Conforme falamos, os times “devem saber perder” e é certamente por causa disso que o juiz e os bandeirinhas são frequentemente culpados pela derrota de um time, tendo que pagar as consequências dos seus erros. São, de fato, legião, as agressões a juízes e bandeirinhas neste contexto da aplicação das regras e a sua discussão pela equipe que se sentiu prejudicada”. ⁽³⁾.

A totalidade dos informantes acredita que técnicos e dirigentes não colaboram para diminuição da violência, que, em algumas ocasiões, tem nestes os incitadores do processo de violência.

A partir desta realidade, foi questionado aos informantes como estes processos poderiam ser modificados? Na visão do grupo de árbitros entrevistados, 66,6% diz que a educação de base, principalmente nas escolas é a solução para mudar essa realidade no futebol, onde seria formada uma outra geração de espectadores do espetáculo esportivo.

A partir deste momento, serão apresentados os aspectos ligados ao comportamento e à carreira na arbitragem.

COMPORTAMENTO E CARREIRA NA ARBITRAGEM

A atuação na arbitragem apresenta baixo grau de profissionalização e regulamentação no Brasil, o que influencia no nível técnico das atuações. O estudo aponta que, do grupo de informantes, 83,3% aponta ser favorável à profissionalização da arbitragem no Brasil, sendo que 58,3% deles veem como vantagem da profissionalização a segurança e a aquisição de direitos trabalhistas como sendo as maiores vantagens para a carreira.

O estudo demonstra que a experiência profissional está diretamente atrelada a maneira como o árbitro conduz a partida, visto que há um consenso entre todos os informantes que a experiência influencia positivamente na relação e na gestão dos conflitos entre os jogadores, a torcida e os dirigentes no campo de jogo. Metade dos informantes (50%) acredita que as decisões acertadas e inteligentes vêm da experiência como árbitro.

“... principalmente no futebol amador, tem um time que está ganhando de um placar elástico já, e tem um gol validado em um lance polêmico, com certeza o árbitro terá problemas, então é preciso saber se virar”. Outros cinco afirmam que a experiência favorece um posicionamento adequado em campo, técnica correta e a disciplina exigida do árbitro “... porque você não precisa correr tanto, porque sua experiência lhe indica os atalhos dentro de campo, você pode antever as jogadas e se posicionar melhor com a experiência adquirida”. (Informante nº 3).

Existem outros fatores intervenientes na atuação do árbitro além dos já mencionados. A mídia, em suas múltiplas esferas, principalmente no futebol profissional, é um desses fatores. Do grupo de árbitros entrevistados, 83,3% acreditam que a mídia influencia o comportamento de jogadores e torcedores, em que as informações chegam ao público com direcionamentos que podem comprometer as atuações da arbitragem.

Mesmo com tantas adversidades, o que leva esses sujeitos a permanecerem na arbitragem? Ao se investigar as motivações destes informantes em continuar arbitrando, 91,66% citam o prazer de estar no meio futebolístico, como motivação, para permanência na arbitragem.

Outros aspectos sobre a atuação destes informantes surgem nos discursos. Fica claro que, no âmbito do futebol amador, a regra não é aplicada com rigor, dado as circunstâncias que o jogo e o ambiente em torno dele apresentam. Nessa esfera, o mais importante seria a condução da partida e não a aplicação minuciosa da regra. A inserção de árbitros no futebol reflete um pensamento de neutralidade e de que eles são responsáveis por zelar pela preservação do jogo “limpo”, bem como as condutas das equipes.

A pesquisa indica que há uma flexibilização da regra para favorecer o bom andamento do jogo e garantir a integridade física do árbitro, fazendo uso do “bom senso”, popularmente chamado pelos árbitros de regra 18, uma gíria do futebol, já que o mesmo possui apenas 17 regras.

No que se refere à flexibilização da regra, 75% dos árbitros acreditam que a violência por parte de torcedores, jogadores, dirigentes e donos de times influencia na flexibilização da regra no âmbito do futebol amador, em que 66,6% dos informantes mencionou o “bom senso” em seu discurso como sendo alternativa para controlar a partida, evitando situações de violência. Quase a metade (41,66%) dos informantes aponta a falta de segurança e infraestrutura como fatores agravantes, influenciando na flexibilização das regras. Tal processo pode chegar a situações extremas de violência, em que 16,66% dos informantes afirmam já terem sido intimidados por armas de fogo na sua atuação.

“...sobre a violência e a falta de respaldo, segurança e muitas das vezes pelas circunstâncias, pelo ambiente, localização em que a gente está e pessoas que estão ali, nós nos vimos obrigados a tomar algumas atitudes que não estão contidas nas regras para poupar a nossa integridade física, e até de outras pessoas também tanto os adversários quanto as outras pessoas que estão trabalhando com a gente”. (Informante nº 10)

A preparação dos árbitros não ocorre somente na direção da qualidade no trato com as regras, para chegar ao nível profissional é preciso também dedicar-se fisicamente. Sobre a preparação física, 75% dos informantes afirma se preparar fisicamente durante a semana.

Outro ponto levantado nos discursos dos informantes é a estrutura física ineficiente na execução de suas funções. Campos sem alambrados que delimitem torcida e jogadores e estrutura de vestiários inadequadas.

“Como por exemplo tem campo que a gente vai que não tem um alambrado, tem campo que mal, mal o cara te dá uma água. Você trabalha em 3, 4, 5, no meu caso já cheguei a trabalhar em 8 jogos seguidos sem ter quase que 5 minutos para você tomar uma água”. (Informante nº 10)

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Conclui-se neste estudo que a maioria dos árbitros são jovens e iniciam a carreira atuando no futsal. A formação da maioria do grupo é realizada em instituições de ensino superior onde optam pela graduação em Educação Física.

A violência, como processo sócio cultural, ocorre constantemente no futebol amador juizforano e atinge nossos informantes em suas prática profissionais. Os agentes de violência são geralmente os atletas, a torcida e os dirigentes dos clubes amadores.

A motivação para permanecer arbitrando advém do prazer em estar no meio futebolístico e do retorno financeiro, que no futebol profissional é ainda mais vantajoso. Ainda no campo de atuação do árbitro podemos concluir que há uma contínua atualização e estudo do código de regras.

Na esfera amadora, o mais importante, para este grupo, é a condução da partida e a utilização do “bom senso” na prática profissional, afim de evitar conflitos e não incitar a violência.

A partir do que foi exposto, recomenda-se medidas reeducativas, preventivas e punitivas de curto, médio e longo prazo a fim de amenizar os problemas da violência partindo das categorias de base até os níveis adultos. De acordo com o sociólogo Maurício Murad, o futebol deve contribuir para projetos civilizacionais e inclusão social. As ações punitivas mais severas devem ir de encontro dos atletas e profissionais que infringirem as regras. No âmbito amador promover maior punição e segurança nos torneios locais pareceu representar uma urgência para o grupo de informantes.

Paralelamente a este processo, ações educativas que visem formar uma geração de expectadores devem ser assumidas pelas instituições de ensino em nível fundamental e médio e pelos clubes em suas categorias de base. A violência no esporte pode ser amplamente debatida e estratégias de controle e prevenção elaboradas de forma conjunta entre professores e alunos.

REFERÊNCIAS

1. Bauer, M.W; Gaskel, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
2. Boschilia, B.; Vlaustin, J. e Marchi Jr. Implicações da espetacularização do esporte na atuação dos árbitros no futebol. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 57-73, set. 2008. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/191/198>. Acesso em: 23 de Janeiro de 2013.
3. Damatta, R. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 1, 4, p. 54-60, nov. 82. Futebol: Ópio do povo ou drama de justiça social? São Paulo. 1982.
4. Da Silva, A.I; Frausino, N.M.S. Análise dos comentários da imprensa em relação ao árbitro de futebol. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 10, N° 84, Mayo de 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd84/arbitro.htm>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2012.
5. Giulianotti, R. Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
6. Helal, R; Soares, A.J.; e Lovisolio, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
7. Murad, M. A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
8. Orlandi, E. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes. 6ª Edição. 2005.
9. Santos, R. F. Futebol e violência: tendências das pesquisas. Revista de Trabalhos Acadêmicos, América do Norte, 1, set. 2010. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=view&path%5B%5D=261&path%5B%5D=145>. Acesso em: 13 de Julho de 2013.

AUTORAS:

Francy Rodrigues Silva ¹

Neiza de L. F. Fumes ¹

¹ Universidade Federal de Alagoas, Brasil

Parcerias para a Educação Física inclusiva

5489

PALAVRAS CHAVE:

Educação inclusiva. Educação Física.

Atendimento educacional especializado.

RESUMO

A educação inclusiva é um processo em construção, que se sustenta na compreensão de que a educação é um direito de todos e, no Brasil, o atendimento educacional especializado é um dos serviços disponíveis para apoiar a inclusão escolar de alunos público alvo da educação especial. A Educação Física escolar, disciplina curricular, não pode ficar indiferente face deste movimento. Nesta pesquisa objetivamos analisar a possibilidade de diálogo entre o professor de Educação Física escolar e a professora do atendimento educacional especializado para a promoção da inclusão de alunos com deficiência. A pesquisa possui natureza qualitativa, utilizamos para coleta dos dados: entrevista semiestruturada, diário de campo e a análise documental. Participaram do estudo a professora do atendimento educacional especializado e o professor de Educação Física em uma escola da rede pública de Maceió/ AL, que tinha em sua turma alunos em situação de inclusão. Na análise dos dados, percebemos que ambos acreditavam na educação inclusiva, fator positivo para norteamento das atividades escolares. Destacamos que para efetivação da inclusão nas aulas de Educação Física escolar, as atitudes destes profissionais não podem ser associadas somente a área de concentração, mas a diferentes fatores e recursos disponíveis na escola, dentre eles, o atendimento educacional especializado.

Correspondência: Francy Rodrigues Silva. Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió/ AL, Brasil.